Colonialismo e Cultura: O passado imperialista francês e o Charlie Hebdo

Rafael Oliveira Sousa[1]

Resumo: Esta produção é marcada pelos estudos da problematização das charges do Charlie Hebdo, entre os anos de 2006 e 2015, e sua associação direta com o passado imperialista francês durante os séculos XIX e XX. Temos por objetivo buscar as raízes históricas nos desdobramentos coloniais e pós-coloniais, além de observar o suposto "subalterno" e como esses sujeitos coloniais são nomenclaturados pelos impérios. Essa suposta superioridade ainda é presente no imaginário francês, sendo norteadora das representações e das relações entre a comunidade oriunda dessas ex-colônias e a sociedade francesa contemporânea.

Palavras-Chave: Charlie Hebdo; Imperialismo; Descolonização.

Colonialism and Culture: The French imperialist past and Charlie Hebdo

Abstract: This production is marked by studies on the problematization of Charlie Hebdo cartoons between 2006 and 2015 and its direct association with the French imperialist past during the 19th and 20th centuries. We aim to search for historical roots in colonial and post-colonial outspreads, as well as to observe the supposed "subordinate", and how these colonial people are named by the empires. This supposed superiority is still present in the French imagination, it still being a blueprint to the representations and relations between the community from these former colonies and contemporary French society.

Keywords: Charlie Hebdo; Imperialism; Decolonization.

[1] Mestre em História pela Universidade Federal do Pernambuco. Contato: Rua Santo Antônio, Nº 463, Santo Antônio, 58406-025, Campina Grande – PB, Brasil. Email: Rafael.cg@hotmail.com ou Rafael-oliveira@evl.com.br

“Quando o historiador mergulha no passado ultrapassando suas próprias evidências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservaram até hoje.” (KOSELLECK, 2006). Após essa breve reflexão do historiador alemão Reinhart Koselleck, é possível inferir que ater-se ao passado para compreender o futuro é uma prática bem presente durante o processo de escrita da história. Busca-se encontrar conjecturas que expliquem os acontecimentos ocorridos em determinadas ocasiões. Do mesmo modo, faz-se o movimento inverso, olha-se o hoje e projeta-se um amanhã, pois o hoje, um dia será passado, será “Espaço de experiência”. Esse olhar não é uma prerrogativa exclusiva do historiador, mas é correto dizer que ele faz com um pouco mais de zelo.

Melhor esclarecendo as ideias, Koselleck nos permite pensar o passado e estabelecer expectativas futuras (Horizonte de expectativa), aqui, o que se propõe é a partir do presente, buscar desdobramentos no passado para melhor compreender o momento atual. O movimento é inverso, pois não se busca no passado projetar um futuro, mas no presente olhar o passado.

Essa concepção é bastante evidente nos escritos *Keselleckianos*. Ele as chama de “Espaço de experiências” e “Horizonte de expectativa”, ou seja, a partir de suas experiências, o historiador sugere possibilidades futuras.

O que essas categorias históricas têm relacionadas com a presente produção? Buscar compreender em que “lugar” no passado francês, algo ou algum acontecimento possa servir como condicionante para elaboração e recepção pela sociedade francesa das charges do *Charlie Hebdo* que representem o Islã e os muçulmanos. Não é o caso aqui de se fazer um trabalho de rememoração histórica que objetive a totalidade da história da França. Deste modo, é prudente estabelecer um ponto e retroceder até ele.

Como se tratam de questões que remontam contatos culturais entre populações notadamente de origem estrangeira, majoritariamente do Norte da África, e agora com descendentes franceses, ter-se-ia que buscar, na história da França, um momento semelhante, no qual populações distintas se tocaram, estabeleceram trocas simbólicas e materiais. Nesse caso, pode-se sugerir que esse momento remete ao passado imperialista daquele país (SAID, 2011).

Durante os movimentos Imperialistas dos séculos XIX e XX, a França garantiu sua posse quase que total de todo o norte da África. Países como Marrocos, Argélia, Mauritânia, Mali, Senegal, Togo, dentre outros espalhados por toda África, foram subjugados ao domínio

francês, objetivava-se o lucro à custa do sangue do colonizado. Durante anos, a França explorou e espoliou suas colônias e as populações oriundas dessas (HOBSBAWM, 2015)[2].

A dominação foi garantida às custas de discursos hoje considerados risíveis e facilmente questionáveis, justificativas de uma suposta inferioridade do africano, seja racial e cultural, que estiveram presentes como validadores dos movimentos imperialistas dos séculos XIX e XX. Também se explorou a concepção de uma propensão do sujeito europeu para governar e isso também deu aval para essa exploração. "A França tem muito a fazer no Oriente, porque o Oriente espera muito da França" (SAID, 2007, p. 294).

Durante os séculos XIX e XX, a Europa criou uma série de justificativas para manter o domínio, era necessário angariar respaldo da sociedade europeia. A aceitação e concordância ao que se era praticado nas colônias viriam após argumentos embasados cientificamente. As ciências sociais e biológicas dialogavam entre si e atestavam que esse colonizado, o "Outro", era um inferior, e, para tanto, ele deveria estar subjugado ao europeu, isto é, o colonizado, seria, agora, um subalterno. Para validar essa categoria de inferior, uma série de fundamentos foi elencada, desde a inferioridade racial até a incapacidade em termos intelectuais e cognitivos.

Essas justificativas de um ser incapaz estiveram presentes na Europa desde o século XVI e se intensificaram com o passar do tempo, tonando-se cada vez evidente durante os movimentos imperialistas dos séculos XIX e XX. Voltando-nos para Homi Bhabha, em *"O local da cultura"* [1998], vemos que o estereótipo tem papel fundamental para garantir a dominação colonial, conforme ele afirma:

> Proponho que, de forma bem preliminar, o estereotipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que e afirmativo [...] O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução (BHABHA, 1998, p. 110-111).

Dessa forma, pode-se dizer que os estereótipos são generalizações feitas e destinadas a determinados grupos sociais. Da incapacidade de autogestão/autogoverno, a ignorantes, incivilizados e racialmente inferiores, assim, os impérios buscaram construir os rótulos para as populações de África e Ásia por eles dominadas.

É prudente, deste modo, antes de estabelecer as conexões entre o passado Imperialista francês e as charges do *Charlie Hebdo*, entender como se deu esse processo de dominação de

[2] HOBSBAWM, Eric J., 1917 - *A era dos impérios, 1875-1914* / Eric J. Hobsbawm - 19ª Ed - Ed - São Paulo: Paz e Terra, 2015.

uma miríade de civilizações dispostas por todo o continente Africano durante os séculos XIX e XX. Um dos primeiros movimentos de subjugação da era contemporânea em território africano foram as campanhas napoleônicas contra o Egito, o que resultaria mais tarde num dos primeiros fatores que levaram ao Orientalismo, os estudos de civilizações orientais para garantir a dominação[3].

Durante o século XIX foi a Argélia um dos primeiros países a sofrer um intervenção imperialista, ela "caiu" perante as pressões francesas em 1830, esse domínio se estendeu até 1962, mais de 132 anos de opressão (GUEYE; BOAHEN, 2010). O governo francês tentou ocidentalizar o país, estabelecer nele uma extensão da metrópole francesa, na intenção de fazer com que ocorresse uma substituição cultural ou um mero "apagamento" da cultura argelina.

O avanço Imperialista era propagado, aos quatro ventos na sociedade europeia, como necessário e válido. Uma grande nação conseguiria demonstrar força à medida que estabelecesse uma colônia e, a partir disso, reproduzir uma sociedade semelhante à sua. Desta feita, existia uma busca constante por tentar modificar os costumes locais, seria uma prerrogativa que garantiria, em tese, o sucesso daquela potência. Nesse sentido, Said (2007) afirma:

> Grande parte do fervor expansionista na França durante a última terça parte do século XIX foi gerado a partir de um desejo explícito de compensar a vitória prussiana em 1870-1871 e, não menos importante, a partir do desejo de igualar as realizações imperiais britânicas [...] Uma sociedade coloniza quando, tendo chegado ela própria a um alto grau de maturidade e força, procria, protege, coloca em boas condições de desenvolvimento e torna viril uma nova sociedade a que deu origem (SAID, 2007, p. 296-297)

É importante pontuar que, em dados momentos da história, o orgulho ferido norteou os movimentos imperialistas da França durante o século XIX. Ele seria inibidor/apaziguador da derrota francesa na guerra franco-prussiana. Esse sentimento também exorta o povo francês para tentar perfazer frente aos êxitos contínuos do Império Britânico, esse constantemente em expansão.

O orgulho francês é algo evidente na história daquele país, desde o período colonizatório até os movimentos de descolonização, estes últimos à metrópole tenta barrar a todo custo. O ato de possuir colônias era moralmente aceito e estimulado por parcela da sociedade da época, demonstrava o êxito do país, maturidade e força. Essas virtudes garantiriam que a nova

[3] Faz-se referência aqui a pedra de roseta achada pelo egiptólogo Champolion, que foi preponderante para o entendimento do idioma egípcio. Esse estudo detalhado das nações africanas e asiáticas por parte dos europeus era chamado de Orientalismo. Os estudos dessas nações eram garantia de que a medida que o europeu angariasse conhecimento suficiente acerca dos povos estudados eles estariam suscetíveis a dominação mais rápida.

sociedade gestada na colônia estaria em boas condições de desenvolvimento, à medida que fosse protegida e cuidada por essa potência Imperialista.

A França nunca conseguiu os êxitos e sucessos alcançados pelo Império Britânico durante a "Era dos Impérios", o que a colocava em certo grau de desnivelamento entre as potências. A competição entre Inglaterra e França remonta ao período medieval, quando ambos os países travaram guerra entre os anos de 1337 a 1453[4], com o passar do tempo às diferenças e disputas somente fizeram recrudescer. No século XIX, a disputa se configurava no âmbito colonial, quanto mais colônias e quanto mais exitosas fossem as experiências coloniais, maior a garantia de sucesso da nação colonizadora. Desta feita, o receio em acentuar ainda mais as diferenças entre ambos, no que concerne aos domínios coloniais, faz com que a França tome as rédeas de suas colônias mais importantes, como a Argélia, e as governasse de modo autoritário de maneira direta e com ojeriza a mínima manifestação de independência (BETTS, 2010).

Não se pode negligenciar o processo de luta ante o colonizador, a tomada do continente pelos europeus não foi pacífica, ocorreram lutas, o processo de resistência se elevou para perfazer frente às potências imperialistas dos séculos passados. Do Marrocos ao Egito, as nações africanas lutaram de forma brava e da maneira que podiam para não se sujeitar ao domínio do colonizador, caíram ante o julgo opressor. A resistência ocorria de forma ordenada, mas não conseguia superar o aparato militar do opositor composto do mais moderno e complexo armamento bélico.

> Ao contrário de Ahmadu, Samori Touré optou por uma estratégia de confronto e não de aliança. [...] A conquista desta região também havia permitido a Touré criar um poderoso exército, relativamente bem equipado à europeia. Estava dividido em dois corpos: infantaria (ou sofa), que em 1887 contava com 30 mil a 35 mil homens, e cavalaria, que na mesma época não tinha mais que 3 mil homens. [...] Até 1876, as tropas de Samori Touré estavam equipadas com velhas espingardas, que os ferreiros locais eram capazes de consertar. (GUEYE; BOAHEN, 2010, p. 138)

A África resistiu como pôde, tentou fazer frente à superioridade bélica do europeu, tentou articular-se militarmente e diplomaticamente, recorreu a acordos, mas nada disso foi suficiente para impedir o avanço do Imperialismo. A Europa lançava mão de práticas reprováveis, tecia acordos e os descumpria, usava violência extrema, fazia vítimas civis,

[4] Entre os anos de 1337 e 1453 a França e a Inglaterra se enfrentaram belicamente em um confronto que a historiografia chamou de Guerra dos cem anos. A disputa travada entre ambos os reinos tinha por objetivo a expansão do poder e supremacia na região, em particular a Inglaterra tentava lançar mão do reino francês e garantir o trono.

perseguia, pilhava e inviabilizava a vida das nações africanas até que elas caíssem diante do domínio colonialista.

Os estágios de dominação passavam por etapas. Criavam-se pretextos que garantissem e validassem as ações militares na região, firmavam-se acordos entre as nações europeias para garantir os interesses dos países imperialistas, tratados eram firmados com povos africanos e deliberadamente desrespeitados, por fim, recorria-se à força bruta e a superioridade militar. Assim era o *modus operandi* da "Era dos Impérios".

Em meados do século XX, começam a surgir movimentos contestatórios e de independência das colônias. Esses movimentos não surgem a esmo, eles são gestados após anos de opressão e humilhação imposta pelo Imperialismo a esses povos. Essas circunstâncias levaram esses indivíduos a gestarem movimentos de caráter nacionalistas, que em si são importantes, mas também ambivalentes, já dizia Edward Said (2003):

> O nacionalismo triunfante justifica então, tanto retrospectiva como prospectivamente, uma história amarrada de modo seletivo numa forma narrativa: todos os nacionalismos têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais. [...] Com o tempo, os nacionalismos bem-sucedidos atribuem a verdade exclusivamente a eles mesmos e relegam a falsidade e a inferioridade aos outros. (SAID, 2003, p. 49-50).

Acima, tem-se apresentada a noção de ambivalência presente nos movimentos nacionalistas. Eles são responsáveis por dar fôlego à luta anti-imperialista, mas, também, são elementos responsáveis por eleger verdades inquestionáveis e por estabelecer uma rígida fronteira entre o "Eu" e o "Outro". Não se tem o intento aqui de levantar esse debate acerca do nacionalismo e sua ambivalência, o que se objetiva é discorrer acerca da importância desse movimento para a luta anti-imperialista.

O nacionalismo africano foi responsável por levantar e exortar as nações africanas para luta, para expulsar o colonizador que por décadas subjugava num rígido e violento domínio, a partir das mais torpes justificativas. Dentre elas, a mais conclamada e exortada era a incapacidade de "auto-gestão" de tais povos, argumento facilmente questionável, haja vista a extensa temporalidade dessas civilizações.

As nações africanas não toleram mais o seu destino controlado pela Europa. A ingerência estrangeira, que buscava locupletar-se à custa de trabalho forçado e espoliações do continente africano, se tornaram insustentáveis. Da Argélia a África do Sul, o controle sobre a vida desses indivíduos foi exercido de forma violenta e impositiva, ele não mais seria aceito ou tolerado.

Tomaremos como caso principal os movimentos contestatórios à dominação francesa na Argélia pelo intenso diálogo que possuí com o objeto de estudo da presente produção. Não se pode dizer que a contestação a presença francesa surge, excepcionalmente, durante a guerra de independência (1954-1962). Ela evidencia-se antes, nas lutas cotidianas contra essa dominação, no ato de resistir, de continuar a defender sua cultura, sua religião, são exemplos de como os argelinos fizeram frente aos movimentos imperialistas que tomavam conta do país (CHÉRIF, 1977)[5].

As péssimas condições de vida na Argélia levam a uma intensa crise em prol da descolonização. A Frente de Libertação Nacional (FLN) encabeça, em 1954, uma intensa luta armada, conduzida em um primeiro momento com táticas de guerrilha e terror, onde os subúrbios da cidade de Argel é o principal ponto de apoio da FLN. À medida que a pressão metropolitana se enrijecia, os ataques do grupo também chegam a um nível de maior agressividade. Uma série de atentados à bomba em ambientes frequentados por franceses espalhavam o medo devido à imprevisibilidade dessas ações. Investidas contra policiais e soldados eram feitas, no intuito de angariar armas para a resistência.

O movimento de descolonização foi uma resposta às ações metropolitanas ao longo dos mais de 120 anos de dominação colonial. A Argélia foi subjugada, humilhada e praticamente escravizada. A população facilmente padecia por fome e por outras máculas, resultado da miséria oriunda da espoliação francesa, as jornadas de trabalho eram extenuantes, o confisco de terras era prática comum, entre outros desmandos direcionados a essa população. O governo francês resiste de forma ferrenha e violenta, tenta a todo custo subjugar o movimento de descolonização. O orgulho francês está ferido e é constantemente "machucado".

Perder a Argélia resultaria, para a França, em um sentimento de humilhação e derrota, somente antes visto após a invasão de Paris pelos nazistas em 1940. Garantir a posse daquela colônia já não era mais uma questão econômica, era orgulho. Sartre (1968) evidencia que a arrecadação anual argelina seria gasta se a batalha se estendesse em 1956. Ele aventa que o sistema colonial por si só se destrói, sendo incapaz financeiramente de manter a possessão imperializada, haja vista que as divisas financeiras advindas da colônia eram gastas no processo de subjugação dos movimentos de descolonização.

[5] Esta versão em português é fruto de uma parceria entre a Representação da UNESCO no Brasil, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação do Brasil (Secad/MEC) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). – Brasília : UNESCO, 2010

A questão vai além dos fatores econômicos, garantir a posse dessa colônia era necessário para assegurar a manutenção do orgulho francês. Os franceses tiveram um papel "secundário" durante a Segunda Guerra. A França cai em menos de um ano de conflito e só é libertada pelos aliados em 1944. O fato de novamente ter sido derrotado em batalha colocaria em cheque não só a credibilidade do governo francês, mas também a força do exército.

Após oito anos de intensos confrontos, entre tropas francesas e nacionalistas argelinos da Frente de Libertação Nacional (FLN), e após ceifar a vida de mais de um milhão de civis, 150 mil militares da FLN e 17 mil soldados franceses, a França, na figura do General de Gaulle, aceita a negociação. Entre maio de 1961 e março de 1962, algumas conversações ganham corpo, e, em maio de 1961, o governo francês declara um cessar-fogo. Somente em julho de 1962, um referendo, feito na Argélia, aprova a independência do país (BERNAL, 2019).

Com base no que já vem sendo mencionado ao longo desta produção, a perda das colônias francesas do Norte da África, em particular a Argélia, provoca, na França, um sentimento de incapacidade e humilhação sem precedentes. Esse sentimento de incapacidade irá acentuar-se, gradativamente, e fará com que a França passe a enxergar aqueles indivíduos, oriundos de suas ex-colônias e que residem em território francês, como cidadãos de segunda classe e inferiores[6]. A inferiorização desses indivíduos é facilmente evidenciável no tratamento cotidiano dado à esses e se reverbera ao longo da história.

Frantz Fanon (2008), ao expor a figura do sujeito negro na França do século XX, evidencia um indivíduo infantilizado, tratado como criança, incapaz de compreender a seriedade de quaisquer situações. Essa relação de infantilidade é descrita em *Pele Negra, máscaras brancas*, no momento em que narra a vinda de martinicanos para a metrópole (França). Esses indivíduos são estereotipados não somente por sua cor, mas, também, por seus hábitos, em particular, pela utilização do francês permeado por elementos linguísticos presentes na Ilha de Martinica, *Petit Negre,* como era apelidado pelos franceses.

A descrição trazida acima parece algo simples, mas, essa atitude de superioridade evidenciada no ato de falar o francês corretamente (Como parcela da sociedade francesa julgava ser correto, segundo as concepções da época) foi um dos responsáveis por gestar uma ideia de superioridade advinda da metrópole.

Sendo assim, era comum aos martinicanos negarem elementos oriundos de sua cultura que antes eram empregados ao falarem francês. Em casos extremos, eles chegavam a se

[6] Durante os séculos XIX e XX, o estado francês adotou uma política extensa de concessão de cidadania aos membros de suas colônias.

distanciar da comunidade martinicana, presente na França, na tentativa de se integrar culturalmente à metrópole. Fanon (2008) destaca que, muitas vezes, o diálogo entre negros e não negros se dava de forma infantilizada, semelhante ao diálogo entre uma criança e um adulto. O francês metropolitano acreditava que somente assim, em tom infantil, é que o martinicano e o negro, de modo geral, poderiam compreendê-lo.

De acordo com Fanon (2008), o diálogo infantilizado, em um primeiro momento, pode soar como inofensivo, como um mero desrespeito à capacidade cognitiva do negro, mas, ele é mais profundo que isso. À medida que o negro é infantilizado, tratado como criança, essa atitude garante a tutela desse indivíduo e ele passa a ser tido não somente como um ser incapaz de compreender o francês metropolitano, mas, também, como um incapaz no que se refere ao ato de se autogerir.

A autogestão é à base dos movimentos imperialistas e de dominação, pois ele tinha por objetivo atestar a incapacidade desses povos em gerir seus destinos, necessitando, assim, da tutela de um indivíduo mais capacitado, no particular caso, estamos falando do europeu, esse que segundo as concepções europeias da época seria o capacitado. O estereótipo validaria o domínio baseado na crença da incapacidade do que não fosse Europeu, e esse artifício de estereotipar o "Outro" garante aglutinação de uma população em torno de um projeto e de um ideal.

Desde o negro, como pontua Frantz Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*, até o Muçulmano (Em sua maioria descentes das ex-colônias) serão sujeitos vistos de soslaio por olhares atravessados e que os depreciam, são "inexistentes" na sociedade francesa, suas reivindicações, clamores, vontades e desejos não são ouvidos, eles são vidas que não vivem. A partir dos olhares de parcela significativa da sociedade francesa, eles são considerados intrusos e ali estão "de favor", são os responsáveis por ameaçar a identidade cultural da França, são eles que podem vir a islamizar todo o país. A situação da vida desses homens e mulheres é traumática, estão deslocados, mesmo sendo filhos da França. Seus erros? Descender de ex-colônias ou professar uma fé distinta das que a sociedade francesa toma como aceitável.

É possível identificar perseguições diárias aos muçulmanos como a adoção em 2010 da proibição do véu islâmico (Niqab e Burca) nas ruas da França; o impedimento de merenda alternativa à carne de porco em cardápios de escolas francesas em 2015, como o que fez a prefeitura da cidade de Châlon-sur-Saône, alegando que fere o princípio de laicidade estatal. Bem como também, as representações em charges produzidas pelo Charlie Hebdo e entre outras

ações corriqueiras que ferem a dignidade desses indivíduos, e que de certo modo evidenciam as perseguições cotidianas a eles.

É possível evocar a filósofa americana Judith Butler (2015), em seu livro *Quadros de guerra*, quando a autora destaca a existência de vidas que são passivas de luto e as que não são enlutadas se perdidas. Essas vidas que não são sentidas quando são perdidas, que não provocam luto e comoção, são assim tratadas por fugirem de uma suposta normatividade imposta pelo mundo ocidental, em sua maioria destoam no que se refere à cor, gênero e religião.

Esse princípio proposto por Butler é evidente na relação estabelecida com os muçulmanos na França, suas vidas não são sentidas, suas opiniões não são respeitadas e suas concepções não são aceitas, pois eles não se enquadram na normatividade imposta por aquela sociedade. No caso dos muçulmanos residentes na França ainda acentua-se a diferença devido ao fato de que parcela significativa deles é oriunda das ex-colônias francesas.

O muçulmano na sociedade francesa sofre ataques sistemáticos, como uma tentativa de apagamento, seja cultural e até mesmo existencial. É possível associar diretamente essa postura à suposta humilhação francesa durante a guerra de independência de suas ex-colônias, em particular a guerra da Argélia, essa derrota irá influenciar em longo prazo que se gestem o modo de tratar os indivíduos remanescentes das ex-colônias que estejam na sociedade francesa.

Essa perseguição e repulsa para com o muçulmano é reforçada após a falsa e deturpada crença de um processo de islamização gradativo da Europa. A ideia sem fundamento começou a ser propagada em 2005, após a publicação do livro Eurábia, da escritora egípcia Bat Ye'or[7] (2005), no qual ela afirma, com veemência, que o mundo árabe islâmico intenciona dominar a Europa. A ideia da escritora foi recebida calorosamente nos círculos direitistas, como a *Front National* (FN)[8], na França, e o Partido pela Independência do Reino Unido[9], entre outros, os partidos encapsulam o teor preconceituoso de suas concepções sob o manto nacionalista.

[7] Pseudônimo de Gisèle Littman, que é conhecida por seus livros sobre a história das minorias religiosas no mundo muçulmano e moderna política europeia. Littman (nascida Orebi), nasceu em 1933, em Cairo, Egito, e mais tarde tornou-se cidadão britânica. Escrevendo sob o nome de Bat Ye'or (que significa "filha do Nilo") ela popularizou o termo Eurabia em seus escritos sobre a Europa moderna, em que ela afirma que o Islã, o antiamericanismo e antissemitismo, prevalecem sobre a cultura europeia e a política como um resultado da colaboração entre radicais árabes e muçulmanos, e do outro fascistas, socialistas, nazistas e antissemitas governantes da Europa.

[8] Partido político da extrema-direita fundado em 1972, com intuito de unificar várias correntes nacionalistas. Liderado atualmente por Jean-Marie Le Pen, ela foi ao segundo turno das eleições francesas de 2016 com uma postura dura e radical, combate a imigração e ações diretas para proteger a soberania francesa, como tentar retirar o país da zona do euro. Acabou sendo derrotada por Emanuel Macron, atual presidente da República Francesa.

[9] Partido político de orientação direitista fundado em 1993. Tem atuação no Reino Unido. Conseguiu colocação extraordinária nas eleições de 2014, com 24 dos 73 assentos do parlamento britânico.

O medo da islamização europeia fica cada vez mais presente após as sucessivas levas de imigrantes chegarem à Europa em decorrência da crise síria a partir de 2011, provocado pelas disputas entre opositores e o governo de Bashar al-Assad. Milhares de pessoas rumaram em direção à Europa em busca de paz. Esse crescente fluxo populacional traz à tona novamente o medo dessa invasão e o injustificável receio de uma islamização. Esse temor é sem fundamento. Para exemplificar o medo de uma suposta islamização da Europa, veja-se a charge abaixo publicada pelo jornal francês, *Le Monde Diplomatique Brasil*, em Maio de 2014.

Figura 1 - Charge publicada pelo jornal francês *Le Monde Diplomatique Brasil*, em Maio de 2014, retratando o medo europeu da islamização

Fonte: Portal virtual Le Monde Diplomatique Brasil[10]

Na imagem, observa-se uma mulher de burca que está dizendo "Bu!" frente a um homem trajado à moda francesa. O homem está, notadamente, assustado ao vê-la. O medo evidencia-se em seus olhos esbugalhados e em sua face ruborizada. Acima da mulher, tem-se uma série de estrelas em um fundo de cor azul que faz referência à bandeira da União Europeia. Essa imagem retrata o sentimento que recai sobre parte da sua população (não somente os franceses) de que as sucessivas levas de muçulmanos que adentram o continente sejam capazes de levar a uma islamização.

Essa breve historicização nos permite compreender a relação atual da França com sua significativa população de imigrantes. É possível tecer um paralelo histórico analítico de modo a associar o passado imperialista francês e a perda das colônias com as charges presentes no hebdomadário, essa associação é pertinente e pretende subsidiar o argumento que trago nesse trabalho.

[10] Disponível em: https://diplomatique.org.br/o-mito-da-invasao-arabe-mulcumana/. Acesso em 18 de mai. 2018.

O *Charlie Hebdo*, conforme fora anteriormente mencionado, é um jornal semanal francês que aborda criticamente assuntos relacionados à sociedade francesa, como também assuntos internacionais. Esse periódico é tradicionalmente crítico as mais diversas religiões, entre elas o Islã e o Cristianismo.

Entre 2010 e 2015 se intensificaram as charges que satirizavam e ridicularizam o islã e os muçulmanos, com intuito claro de causar depreciação daqueles indivíduos ante toda sociedade. Em 2003 a Central de inteligência americana (CIA) fez um levantamento que identificou que entre 7 a 9% da população francesa era muçulmana (Aproximadamente 4,4 milhões e 5,6 milhões em 2003), deste modo é possível inferir que as charges, do já referido jornal, conseguem atingir de maneira depreciativa uma parcela significativa, quase 10% da população francesa.[11]

Se levarmos em consideração os desdobramentos da Primavera Árabe[12], iniciada em 2011, e o fluxo populacional de refugiados que atingiu a Europa nos anos subsequentes, em particular após os movimentos do Estado Islâmico[13] entre o Iraque e a Síria, é possível sugerir que a população islâmica na França se eleva, tendo em vista esses movimentos populacionais. Em 2016, segundo o senso do Banco Mundial, 12% da população francesa é composta por imigrantes, deste modo o impacto causado pelas charges do Charlie Hebdo é cada vez mais "devastador".

É necessário levantar dois questionamentos acerca dessas charges, eles são nevrálgicos e fundamentais para compreensão dos acontecimentos que se desdobram em decorrência dessas representações, são eles: Qual a intenção de tais charges? E o que leva o *Charlie Hebdo* a representar dessa maneira os muçulmanos e o Islã?

A intenção é clara e direta: depreciar, humilhar, violentar os muçulmanos residentes na França e fora dela. É tentar subjugar esses indivíduos, derrubar a autoestima que eles possam ter e ridicularizá-los com um claro intento de colocá-los em um patamar de inferioridade. Encapsulam-se essas questões sob o manto do riso, da comédia proveniente da charge, mas na realidade ela é um veículo das intenções políticas.

---

[11] Disponível em: https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/fields/401.html#FR, acessado em: 18 de maio de 2020.

[12] Movimento contestatório dos governos existentes em países islâmicos do Norte da África e da península Arábica. Iniciou em finais de 2010 na Tunísia após a morte do jovem tunisiano Mohamed Bouazizi revoltado com as ações do governo. O movimento alastrou-se pelos países da região, como Líbia, Egito, Síria e outros. As reverberações da Primavera Árabe ainda não evidentes em particular pelo intenso fluxo de refugiados provocados pela crise síria.

[13] Grupo extremista islâmico de orientação salafita wahhabita criado em 2003, teve seu auge de atuação entre os anos de 2012 e 2014.

Já se sabe que a intenção de tais representações é depreciar os muçulmanos e o Islã, mas o que leva o *Charlie Hebdo* a representar dessa maneira esses indivíduos? Esse questionamento para ser respondido deve ater-se ao passado francês e em particular aos movimentos imperialistas dos séculos XIX e XX, como também os processos de luta pela independência (centra-se a análise nos movimentos do Norte da África e do Magreb) que ganharam corpo e força durante a segunda metade do século XX como a luta pela descolonização argelina. Esses movimentos levam a se instituir na sociedade francesa uma ideia de revanchismo, haja vista que o processo de descolonização fora verdadeiramente traumático para a França.[14]

A relação entre o "Eu" e o "Outro" é evidente nas charges do *Charlie Hebdo*. Expressam como esse periódico encara a população islâmica dentro e fora da França. Essas representações, sem dúvida, são resultado de um passado imperialista francês. O semanário lança mão de caracterizações acerca desse "Outro" que é encarado como inferior para, assim, ridicularizá-lo em suas charges. Atitude semelhante fez a França com as nações imperializadas garantindo um rótulo de inferioridade para proceder a dominação. É pertinente lembrar que esses sujeitos islâmicos são, em sua maioria, oriundos ou descendentes das ex-colônias francesas. Até mesmo os que não são oriundos das ex-colônias conseguem rememorar a França esse passado imperialista.

O *Charlie Hebdo* promove a Islamofobia na Europa, serve como porta-voz dos intolerantes, persegue uma população que compõe quase 10% da sociedade francesa, insufla o ódio e o medo. Essas representações a partir das charges são atitudes irresponsáveis e completamente repreensíveis que se encapsulam sob o manto de uma suposta liberdade de expressão, mas atentam violentamente contra o direito do outro. A noção de liberdade de expressão deve ser acompanhada de uma condução responsável desse direito. Se o mesmo conduzido de forma violenta e egocêntrica atinge de modo brutal a liberdade do "Outro" e sua existência.

As charges não podem ser vistas como meras representações desintencionadas, com o intuito meramente jocoso. Elas são politicamente ativas e violentamente endereçadas a um grupo. Atribuí-las um teor exclusivamente artístico é negar o engajamento e a militância que parte da arte. Então é prudente que analisemos o que nos traz algumas imagens do semanário:

Figura 02 [15]:

[14] Não se nega o trauma para as nações colonizadas, mas o objeto de análise nesse momento é a França.

[15] Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/relembre-charges-da-polemica-revista-charlie-hebdo,62cc1db9454ca410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html Acessado em: 15 de Maio de 2018

Capa do *Charlie Hebdo*, em Julho de 2013

Fonte: Portal Terra (2015)[16]

Em 10 de Julho de 2013, o Charlie publicou uma de suas charges mais violentas em referência ao Islã e provocou a indignação de toda a comunidade muçulmana dentro e fora da França. A charge de capa traz em sua abertura várias mensagens. A primeira, no canto superior esquerdo, diz: "Massacre no Egito". Em seguida, em letras garrafais, a seguinte mensagem ecoa: "O corão é uma merda", e abaixo, observa-se outro balão: "Ele não para balas ou Ele não é à prova de balas". Dialogando com essas mensagens, aparece representação de um muçulmano segurando em suas mãos um exemplar do Corão, que é transpassado por balas que atingem o homem que o segura.

Nesse caso, é necessário contextualizar historicamente a imagem, pois ela faz menção aos confrontos que ocorreram em Julho de 2013, no Egito, envolvendo partidários do presidente Mursi e do exército. O foco principal é mostrar a carnificina praticada pelo exército, que reprimiu as manifestações com munição letal. O *Charlie Hebdo* choca novamente com seu humor ácido, algo característico, tentando passar uma mensagem política de denúncia às ações do exército egípcio, mas "peca" novamente no caráter genérico de sua descrição.

A imagem é violenta, seja verbalmente, pelo que expressa em seus balões de mensagem, seja pela maneira como retrata o muçulmano e o Corão. A charge irrita a comunidade islâmica. É sabido que os muçulmanos possuem estreita relação com o livro sagrado, considerando-o como palavra literal de Deus, que foi ouvida e escrita pelo profeta Maomé. Desse modo, ele

[16] Disponível em: https://p2.trrsf.com/image/fget/cf/620/0/images.terra.com/2015/01/07/corao.jpg. Acesso em: jun. 15 de jul. 2018.

deve ser tratado com respeito, deve-se evitar colocar o livro em locais impuros e em situações consideradas desrespeitosas. Assim, quando o *Charlie Hebdo* representa o Islã e os muçulmanos dessa maneira, passa a seguinte mensagem: "Não nos importamos com suas crenças, nossa nação é laica".

Torna-se possível sugerir que o hebdomadário deixa claro à comunidade islâmica da França que respeitar suas tradições não é uma das preocupações do jornal, mas sim o oposto. Ou seja, criticá-las sob a alcunha de liberdade de expressão e defesa do laicismo estatal. Essa interpretação é válida devido à forma como o *Charlie* retrata os muçulmanos e o Islã.

Dando continuidade à análise das charges, na publicação de 01 de Outubro de 2014, novamente, o hebdomadário apela para a violência explícita. Dessa vez, lança mão da reprodução da face de Maomé, o que para o Islã é verdadeiramente condenável, mesmo não existindo nenhuma reprimenda corânica relativa à representação da face do profeta. Faz parte da tradição islâmica não representar Maomé, pois se acredita que nenhum ser humano é digno de pintar ou de desenhar o seu rosto. Abaixo segue a imagem:

Figura 3 - Capa do *Charlie Hebdo*, em Outubro de 2014

Fonte: G1 (2015)

Uma das charges mais delicadas já feita pelo *Charlie Hebdo* coloca o profeta em posição de genuflexão, ameaçado com uma faca em seu pescoço. O diálogo que se passa é inteligente, mas afeta a comunidade muçulmana. A imagem abre contendo o seguinte texto: "Se Maomé regressar". No balão que representa Maomé, está escrito: "Eu sou o profeta, idiota". Por sua vez, o carrasco responde: "Te cala, infiel".

A crítica da charge remete às ações do grupo terrorista Estado Islâmico que estiveram com significativa evidência nos territórios da Síria e do Iraque, entre os anos de 2012 e 2014. A imagem aqui citada provoca a ira dos muçulmanos por representar a face do profeta Maomé e representa-lo em situação de ameaça e humilhação. Deste modo, embora o alvo seja a ação do grupo extremista, Estado Islâmico, mais uma vez, o *Charlie* mostra-se pouco preocupado com o que pensa a comunidade islâmica. Seu apelo à ridicularização do Islã vende significativamente em uma sociedade que teme ser gradativamente islamizada.

Ridicularizar os muçulmanos é uma forma de evocar uma suposta superioridade ante o Islã e seus seguidores, as generalizações e caracterizações evocadas pelo *Charlie* intencionam depreciar e impactar o ânimo dessa comunidade. O hebdomadário, como reconhecidamente ateu, leva adiante essa crítica à comunidade islâmica pela sua fé. É necessário combatê-la, pois ela "ameaça" o laicismo estatal e, supostamente, põe em questão o *modus operandi* de organização social. Mais uma vez, a maneira como age o hebdomadário permite que se tenham interpretações como essa.

A ridicularização dos muçulmanos e, em particular, do profeta Maomé é evidente em algumas capas do *Charlie Hebdo*. A violência contida nessas representações não deve ser vista como meramente uma expressão artística mas discursos e, como tal, exprimem opiniões. As charges possuem teor violento dirigido e associado aos muçulmanos, excedem o limite da liberdade de expressão na medida em que desrespeitam e direcionam o ódio para determinado grupo.

Por tanto, é possível concluir que as charges produzidas pelo *Charlie Hebdo* são também resultados de um passado imperialista francês que encara os muçulmanos como indesejados, inferiores e extremistas. A derrota francesa durante a luta da descolonização não foi exclusivamente militar, foi também uma devastadora derrota no ânimo e na moral francesa. Esse revés estimula a xenofobia e a aversão para os indivíduos oriundos dessas ex-colônias e os muçulmanos residentes na França são, em sua maioria, oriundos de ex-protetorados franceses. Orgulho associado a um pretenso sentimento de superioridade acalora a animosidade existente entre franceses e muçulmanos.

Esta pesquisa tem por intenção trazer a lume os fatores que são motivadores para a forma como os muçulmanos são representados e tratados na sociedade francesa, onde, supostamente, imperam os princípios iluministas e o lema da Revolução Francesa: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade". A intenção é estabelecer um conectivo lógico entre o presente o passado, e a

partir do passado colonial e imperialista da França, tentar interligar as ações que ocorrem no presente.

Pondera-se que as representações do *Charlie Hebdo* não se resumem aos muçulmanos. Cristãos, Judeus e a camada política de dentro e fora da França são alvos da verborragia do jornal. O anticlericalismo é marcante na sociedade francesa e o *Charlie Hebdo* é um porta-voz dessa característica. Os rótulos generalistas atingem em cheio inúmeros sujeitos, mas destaca-se que sua violência e força são dirigidas com mais afinco para os muçulmanos e o Islã, o que é possível sugerir ser herança de seu passado imperialista e de suas tensas e intensas relações com os movimentos de descolonização.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre Literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERNAL, Hilaria. Análisis de las dinámicas y actores comunes de la Guerra de Independencia argelina y el mayo del 68. *In*: CONGRESO ANÁLISIS DE INTELIGENCIA Y PROSPECTIVA, 10., 8-9 abr. 2019, Granada. **Comunicações** [...]. Granada: Grupo de Estudios en Seguridad Internacional; Universidad de Granada, 8-9 abr. 2019.

BETTS, Raymond. A dominação europeia: métodos e instituições. *In*: BOAHEN, Albert Adu (org.). **História Geral da África**- VII África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOAHEN, Albert Adu. (Org.). **História geral da África VII**: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão de tradução Marina Vargas. Revisão técnica Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHARBONNIER, Stéphane. **Carta aos escroques da islamofobia que fazem o jogo dos racistas**. Tradução Sara Spain. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: Entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

CHÉRIF, Mohamed. Novos desenvolvimentos no Magreb: Argélia, Tunísia e Líbia. *In*: BOAHEN, Albert Adu (org.). **História Geral da África**- VII África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

EDWARDS, Brent Hayes. **The practice of diaspora**: literature, translation, and the rise of Black internationalism. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

G1. Além de Maomé, Jesus, o papa e políticos foram capa semanal. **G1**, 7 jan. 2015. Mundo. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/alem-de-maome-jesus-o-papa-e-politicos-foram-capa-do-semanal.html>. Acesso em: jul. 2018.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**: Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol - Séculos XVI e XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUEYE, M'Baye; BOAHEN, Albert Adu. Iniciativas e resistência africanas na África ocidental, 1880-1914. *In*: BOAHEN, Albert Adu (org.). **História Geral da África**- VII África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWM, Eric J., 1917 **A Era dos Impérios**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOURANI, Albert Habib. **Uma história dos povos árabes**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

IBRAHIM, Hassan Ahmed. Iniciativas e resistência africanas no nordeste da África. *In*: BOAHEN, Albert Adu (org.). **História Geral da África**- VII África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.. Disponível em: http://www.ammapsique.org.br/baixe/historia-da-africa-volume-sete.pdf. Acesso em: 15 maio 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

LIAUZU, Claude. **La Société française face au racisme**: De la Révolution à nous jours. Bruxelas: Édition Complexe, 1999.

LIOGIER, Raphaël. O mito da invasão árabe-mulçumana. **Le Monde Diplomatique Brasil**, ed. 82, 5 maio 2014. Eurábia. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-mito-da-invasao-arabe-mulcumana/>. Acesso em: 18 maio 2020.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Emerson Divino Ribeiro de. **Transculturação**: Fernando Ortiz, o negro e a identidade nacional cubana 1906-1940. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

RUCQUOI, Adeline. **História medieval da península Ibérica**. [*s. l.*]: Editorial Nova Estampa, 1996.

ROITBERG, José. **As 12 faces dos submissos** - parte 1. [*s. l.*]: Mídia judaica independente. 2006. Disponível em: <http://www.angelfire.com/journal2/midiajudaica/especiais/maome_cartuns/maome_main.htm> Acesso em: 17 mar. 2020.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, E. W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARTRE, Jean Paul. Les Temps Modernes, Nº 123, marzo-abril de 1956. Intervención en un mitin "por la paz de Argelia". *In*: SARTRE, Jean-Paul. **Colonialismo y neocolonialismo**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1968. p. 20-37.

SILVA, Marcos A. da. **Prazer e poder do Amigo da Onça, 1943-1962**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.